

REVITALIZAÇÃO DE LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL: O CASO DOS APYÃWA

Eunice Dias de Paula, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé

Resumo

Este artigo aborda o cenário das línguas indígenas no Brasil em situação de risco. Esta situação está articulada a um panorama mundial que prevê a extinção de, pelo menos, metade das seis mil línguas faladas atualmente. Em nosso país, as medidas de manutenção ou de revitalização das línguas indígenas ainda são incipientes diante da demanda existente. Apresentamos o caso do povo Apyãwa (Tapirapé), no qual professores e a comunidade têm desenvolvido iniciativas exitosas de revitalização linguística.

Palavras-chave: Línguas Indígenas. Extinção de Línguas. Povo Apyãwa. Revitalização linguística.

Abstract

This article discusses the status of endangered indigenous languages in Brazil. The situation of indigenous languages in Brazil can best be understood in relation to a worldwide linguistic scenario that suggests at least half of the six thousand languages spoken today are under imminent threat of extinction. Globalization has contributed significantly to the acceleration of this process. In our country, initiatives directed at maintaining or fostering the revitalization of indigenous languages are still in their initial phases and are not adequate to meet the existing need. We present the case of the Apyãwa people (Tapirapé), in which teachers and the community have developed successful linguistic revitalization initiatives.

Keywords: Indigenous languages. Languages death. Apyãwa people. Linguistic revitalization.

Introdução

O Brasil é um país com uma considerável diversidade sociocultural e linguística. Segundo dados do último Censo (2010), a população indígena é de aproximadamente 897 mil pessoas, compondo 305 etnias e são faladas cerca de 274 línguas indígenas. Apesar dos inúmeros processos genocidas ocorridos desde o início da colonização europeia, que reduziram drasticamente a população indígena, o Censo aponta um aumento demográfico considerável deste segmento populacional.

A situação das línguas indígenas, entretanto, apresenta um quadro preocupante, pois, seguramente, o aumento estatístico apontado pelo Censo não corresponde à recuperação de línguas consideradas desaparecidas, mas de línguas até então não computadas nos dados de Rodrigues (1986) que apontava cerca de 180 línguas faladas. Segundo este mesmo autor (RODRIGUES, 1993), desde a época da chegada dos europeus, cerca de 85% das línguas aqui então faladas, desapareceram. Este processo continua em curso, pois basta observar que, ao número de etnias apontadas pelo Censo (305) corresponde um número menor de línguas faladas (274), o que nos leva a concluir que as línguas indígenas continuam desaparecendo e continuam ameaçadas (BRAGGIO, 2002). Embora estes dados numéricos sejam importantes, eles não nos permitem visualizar a situação real das línguas que ainda são faladas. Questões sociolinguísticas relevantes como: por quem são faladas; como são faladas; em que contextos são faladas; se há relações diglósicas com a língua portuguesa, não são abordadas pelo Censo e isso mostra o desconhecimento que temos sobre a real situação das línguas indígenas que ainda são faladas em nosso país.

Neste trabalho abordamos esta problemática destacando o cenário mundial das ameaças que pairam sobre as línguas, cenário no qual se inclui o Brasil, o que leva à necessidade de políticas linguísticas que visam a revitalização, sobretudo, das línguas indígenas. Focalizamos, em especial, o caso dos Apyãwa, povo conhecido na literatura linguística e antropológica como Tapirapé. Apyãwa é o etnônimo pelo qual eles querem ser conhecidos (PAULA, 2014).

1. As ameaças às línguas

O processo de extinção de línguas e culturas no mundo acelerou-se nas últimas décadas com o fenômeno da globalização. Os motivos que levam as línguas ao desaparecimento resultam de vários fatores tais como: relações com outros grupos étnicos marcadas por assimetrias sociopolíticas, econômicas e culturais; extermínio de povos; diminuição drástica da população de grupos minoritários por epidemias; escravização de grupos humanos e proibição das línguas originárias; escolarização compulsória feita na língua dos dominadores ou programas de educação bilíngue que têm como perspectiva um bilinguismo subtrativo; perda dos territórios ou deslocamentos territoriais que desenraizam os povos de seus locais tradicionais de moradia, distanciando-os de seus referenciais mitológicos estreitamente ligados aos ambientes em que viviam. Nettle e Romaine (2000, p. 148) apontam o processo de globalização como um fator importante que ameaça as línguas:

O século vinte tem sido o mais desigual da história da humanidade. Poucas comunidades têm alcançado um extraordinário progresso em tecnologia, o que lhes têm dado um poder absolutamente sem precedentes. Este poder tem muitas formas. Não é simplesmente um caso de domínio militar; é o poder para dominar o fluxo de informação...e dominar as políticas locais em todas as partes do mundo através da rica arma, do jogo do rico dinheiro das relações internacionais. Acima de tudo as comunidades metropolitanas têm o poder de mudar o ambiente.

Há, assim, um poder político, econômico e ideológico que atravessa fronteiras e, ao subordinar países e povos a este domínio, determina também quais serão consideradas línguas com prestígio, quais deverão ser apreendidas por todos os povos para se comunicarem com os detentores do poder. O panorama das línguas indígenas no Brasil se encaixa no cenário mundial, no qual se prevê o desaparecimento drástico de metade das seis mil línguas faladas no mundo dentro de um século (MAIA, 2006).

O perigo de desaparecimento das línguas indígenas é real, como alerta Franchetto (2013, p. 1):

No extremo de uma hierarquia complexa, estão, por exemplo, as 160 línguas indígenas ainda sobreviventes em território brasileiro, algumas das quais decretadas extintas nos últimos dois anos; o último (semi-) falante de Apiaká morreu no começo de 2012, apenas para dar um exemplo. Outras línguas contam com menos de 10 falantes, outras ainda se mostram vitais mas com variados sinais de declínio, como o abandono de artes verbais, de partes do léxico culturalmente cruciais, o uso do português como língua franca, o crescente bilinguismo língua(s) indígena(s)/português. As línguas nativas ‘ameaçadas’ são a maioria absoluta, são muito mais do que as oficialmente declaradas como tais, se adotarmos o critério internacional que define como ‘línguas em perigo’ as que têm menos de mil falantes.

A instauração de um novo paradigma a partir da promulgação da Constituição Federal em 1988 que, no Artigo 231, afirma a necessidade de a União respeitar e fazer respeitar não só as terras imemorialmente ocupadas pelos povos indígenas, mas todos os seus bens, entre eles as línguas e as culturas, não mudou substancialmente este panorama. Constatamos que “as ações de preservação e de revitalização de línguas, que demandam procedimentos sistemáticos complexos, são ainda raríssimas, incipientes ou mesmo praticamente inexistentes, no Brasil” (MAIA et.al., 2015). Neste contexto, processos de revitalização linguística revestem-se de extrema urgência, pelo menos para atender reivindicações de povos que querem manter suas línguas originárias ou recuperar línguas antes faladas, como os Apiaká e os Arara de Mato Grosso¹. Estes projetos dependem de ações conjuntas entre pesquisadores (linguistas, antropólogos, educadores) e os povos que demandam a recuperação ou revitalização de suas línguas bem como de ações políticas que deveriam ser desenvolvidas pelos governos. A sobrevivência dos povos indígenas e suas línguas e culturas é uma questão que afeta

¹ Comunicação pessoal durante a 1ª. Etapa do Curso de Pedagogia Intercultural oferecido pela UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso), em dezembro de 2016.

a todos os brasileiros e a toda a humanidade, pois quando uma língua desaparece, há uma perda de um modo único de se ver e de se pensar o mundo, há perda de uma gama de conhecimentos botânicos, zoológicos e geográficos que estão codificados na língua, o desaparecimento de valores e ideais societários. A língua, considerada pelos povos indígenas como uma forte marca de identidade, carrega consigo também a memória histórica, as narrativas míticas, os cantos rituais, aspectos importantíssimos na constituição do modo de ser dos diferentes povos:

A língua é sentida pelos povos que a falam como marca de identidade cultural, ou seja, o que os torna únicos aos olhos do outro. Não é incomum encontrar povos que perderam sua língua e que queiram aprender a língua de um outro povo indígena. Nesse sentido, a língua é o símbolo que marca a identidade cultural. Também é a língua que os remete ao seu passado e os projeta no futuro. Muito da história de um povo estará perdida se sua língua desaparece. O papel da língua, pois, para a definição da cultura e da memória histórica de um povo é primordial. (BRAGGIO, 2002, p. 13)

Estas afirmações são expressas também na concepção do professor Josimar Xawapare'yimi Tapirapé (2009, p. 01):

o meu sonho era sempre encontrar uma maneira de buscar a recuperação das palavras em nossa língua para ensinar aos mais jovens e assim, conseguir manter viva a nossa língua, porque a língua materna é a força de nossa identidade cultural.

A professora Mareaparygi Lisete Tapirapé (2009, 15) confirma estes sentimentos a respeito da própria língua:

A nossa língua materna é importante para nós, o povo Tapirapé. A língua materna é o nosso documento. Também a nossa língua traz todas as nossas tradições, costumes e a nossa organização social tradicional. E também, a língua materna, nós usamos para dar nome para as pessoas, para cantar, e colocar o nome das coisas para nós. Então, por isso é importante manter a nossa língua. Porque é na língua que nós praticamos os nossos rituais. Então, a nossa língua sempre fica junto com nosso corpo, tanto que nós vamos para qualquer lugar e a língua sempre vai junto para nós conversarmos na língua materna, chamar com o nome próprio e contar a história na língua materna para nós. Então a nossa língua sempre fica juntinho com nós.

Conscientes desta problemática, cada vez mais pesquisadores e professores indígenas vêm se empenhando em concretizar experiências de revitalização linguística em busca de fortalecerem as línguas originárias que estão em situação de risco frente ao Português, língua da sociedade dominante, como é o caso dos Apyãwa.

2. Breve histórico dos Apyãwa

Os Apyãwa vivem, atualmente, em duas áreas indígenas situadas na região nordeste de Mato Grosso, a saber: Terra Indígena Urubu Branco e Área Indígena Tapirapé-Karajá. Na primeira estão localizadas sete aldeias: Tapi'itãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Myryxitãwa, Inataotãwa e Akara'ytãwa. Na segunda há uma aldeia denominada Majtyritãwa, na qual a maior parte da população se identifica como Apyãwa (Tapirapé) e algumas famílias pertencem ao povo Iny (Karajá). Em outras duas aldeias localizadas nesta mesma área, Itxala e Hawalora, a situação se inverte: a maioria da população é Iny (Karajá), embora haja vários Apyãwa, casados com mulheres Iny, morando nestas aldeias.

A Terra Indígena Urubu Branco compreende porções territoriais dos municípios de Santa Terezinha (MT), Porto Alegre do Norte (MT) e Confresa (MT). Entretanto, o contato maior dos Apyãwa é com a cidade de Confresa, para onde se dirigem por causa de atendimentos médicos, internações hospitalares, serviços bancários, serviços de correio, aquisição de alimentos industrializados e roupas, entre outros motivos. Em Confresa estão localizados o Polo de Saúde Indígena, a CTL (Coordenação Técnica Local) da FUNAI e a Assessoria Pedagógica, instância da SEDUC-MT, órgãos com os quais os Apyãwa necessitam contatar quase que diariamente. O acesso à terra indígena, por via terrestre, também é feito a partir de Confresa, que dista 30 km de Tapi'itãwa, a maior aldeia dos Apyãwa. Já os Apyãwa, habitantes da Área Indígena Tapirapé-Karajá, se relacionam mais com a cidade de Santa Terezinha (MT), embora esta área também abranja parte do município de Luciara (MT). A sede do município de Santa Terezinha também dista cerca de 30 km da aldeia Majtyritãwa por estrada de chão.

A população soma hoje, aproximadamente, 960 pessoas², habitantes das aldeias acima mencionadas. São todos falantes de língua tapirapé como primeira língua e a grande maioria é falante também de Português como segunda língua. As crianças até por volta de cinco anos de idade podem ser consideradas como monolíngues em Tapirapé. A língua tapirapé é classificada por Rodrigues (1986) e Rodrigues e Cabral (2002) no sub-grupo IV da família Tupi-Guarani, do tronco Tupi.

A saga vivida pelos Apyãwa (Tapirapé) retrata a história do que acontece com muitos povos indígenas após o contato com nossa sociedade. Há pelo menos três séculos, eles empreenderam uma longa marcha em direção à região central do país, buscando refúgio contra os conflitos provocados pela presença dos colonizadores, presentes de modo intenso nas regiões litorâneas. Essa atitude revela um forte desejo de resistir às mazelas advindas com o contato como os aprisionamentos e a escravização compulsória (BALDUS, 1970; TORAL, 2006). Após se estabelecerem na região da serra do Urubu Branco, localizada no Nordeste do que hoje é o Estado de Mato Grosso, vivenciaram um período de relativa tranquilidade até o início do século XX, quando começaram a ser visitados por não indígenas. Iniciou-se, então, um processo de acentuado declínio populacional, pois doenças antes desconhecidas os acometeram de tal modo que, quarenta anos depois, chegaram a uma situação que beirou o extermínio. Sofreram também vários ataques dos Metuktire que raptavam mulheres e crianças para suas aldeias. Após um ataque particularmente violento, ocorrido em 1947, os sobreviventes se dispersaram, sendo reunidos dois anos depois pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) junto ao Posto Heloísa Alberto

2 Fonte: Livro de registro de nascimentos e óbitos, mantido pelas Irmãzinhas de Jesus, religiosas católicas que convivem com os Apyãwa desde 1952.

Torres na foz do Rio Tapirapé, local da aldeia Itxala, do povo Iny (Karajá). Entretanto, conseguiram sobreviver e se afirmar novamente como um povo, fundando uma nova aldeia, Orokotãwa. A luta pela demarcação deste território fez com que pedissem a escola pois necessitavam dominar a escrita para o enfrentamento com os fazendeiros e com os órgãos estatais (PAULA, 2014). Após alguns anos, conseguiram a recuperação de parte do território ancestral, retornando em 1993 à Tapi'itãwa, região da serra do Urubu Branco, de onde haviam sido deslocados. Sapir (1974) afirma que a língua se constitui num índice bastante sensível da história e da cultura de um povo e, confirmando esta assertiva, constatamos que a retomada do uso do termo autodesignativo Apyãwa coincide com o retorno deles para Tapi'itãwa.³

Outro fenômeno sociolinguístico que marca a volta para o território tradicional é a retomada das trocas de nomes a cada passagem de idade da pessoa ou de seus filhos e filhas. Os Apyãwa sempre mantiveram este costume, mas a prática se intensificou consideravelmente nas novas aldeias fundadas na região da serra do Urubu Branco.

Atualmente, a sociedade Apyãwa pode ser considerada bilíngue no sentido apontado por Grosjean (1994) que considera o bilinguismo como o uso alternado de duas ou mais línguas, dentro de um *continuum* situacional que abrange desde o modo monolíngue de fala (quando um bilíngue interage com uma pessoa monolíngue usando a língua do seu interlocutor), até um modo bilíngue de fala, quando a interação acontece entre duas pessoas bilíngues, o que favorece o aparecimento de mudanças de código (*code switching*). O uso frequente deste recurso ocasionou uma grande presença de empréstimos advindos da língua portuguesa, que resulta numa “língua misturada”, como é denominado por eles este modo de fala. Não raras vezes, expressam um sentimento de inquietação quanto ao futuro da língua, pois percebem a forte pressão exercida pelo Português sobre a língua tapirapé (GOUVÊA DE PAULA, 2001).

Essas preocupações fizeram com que tomassem várias iniciativas para reverter o processo. Uma delas é o trabalho desenvolvido pelo professor Ieremy'i (Josimar Xawapare'yimi Tapirapé)⁴, que desde há alguns anos tem se empenhado no sentido de reverter o grande número de palavras portuguesas inseridas nas conversas diárias dos Apyãwa, recuperando palavras em desuso ou criando novos vocábulos a partir dos recursos que a língua oferece, como veremos nas próximas seções.

3. Recuperando as palavras da língua tapirapé

O professor Ieremy'i explica como surgiu a preocupação com a revitalização da língua tapirapé:

No trabalho do professor, é importante observar quais problemas que estão ocorrendo e que podem prejudicar a comunidade. Vendo um problema sério na sua comunidade, o professor precisa pensar, planejar e criar um jeito para trabalhar em cima disso e buscar soluções para recuperar de novo o bem-

3 Vários povos indígenas estão reivindicando o uso dos próprios termos autodesignativos e alguns já conseguiram, a exemplo dos Panará, MT, antes chamados de Krenhakarore. Os Karajá também estão reivindicando o reconhecimento do termo Iny para se referir a eles.

4 Este professor recebeu o prêmio “Professor Nota Dez” promovido pela Revista Nova Escola da Fundação Abril, edição de 2003, por causa do desenvolvimento do Projeto Língua Viva. Ieremy'i é o seu nome atual.

-estar da comunidade. Eu sou um professor que me preocupo mais na parte da linguagem, pois vejo muitas crianças falarem em português para nomear, principalmente, objetos dos não-índios. (TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'yimi, 2009, p. 01).

Não só as crianças, mas percebemos que muitas pessoas da comunidade estavam misturando palavras em Português, por exemplo: *_Pexe xibrincar!* 'vamos brincar', situação na qual aparece o prefixo da segunda pessoa do plural inclusivo e a forma verbal do verbo brincar em Português. Na língua tapirapé seria dito assim: *Pexe xixemaryj'yg!*

Em reuniões da comunidade, muitas pessoas falavam quase tudo só em Português. Percebemos que a língua portuguesa, cada vez mais, está ocupando o espaço da língua tapirapé, provocando um deslocamento linguístico das palavras existentes na língua indígena. Preocupado com esta situação, o professor Ieremy'i tomou uma decisão:

Então pensei assim: como eu sou educador que atua com as crianças, tenho o compromisso de trabalhar a língua dentro da sala de aula junto aos alunos e mostrar o esforço para minha comunidade, criando as palavras novas junto com os alunos e depois apresentar para as pessoas da comunidade, para eles saberem também. (TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'yimi, 2009, p. 01).

O trabalho realizado está dentro dos objetivos do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, na Área de Linguagem, que é a valorização da Língua tapirapé. Neste PPP está registrado que os alunos da Escola também aprendem a língua portuguesa, mas isso é feito como a aquisição de uma segunda língua:

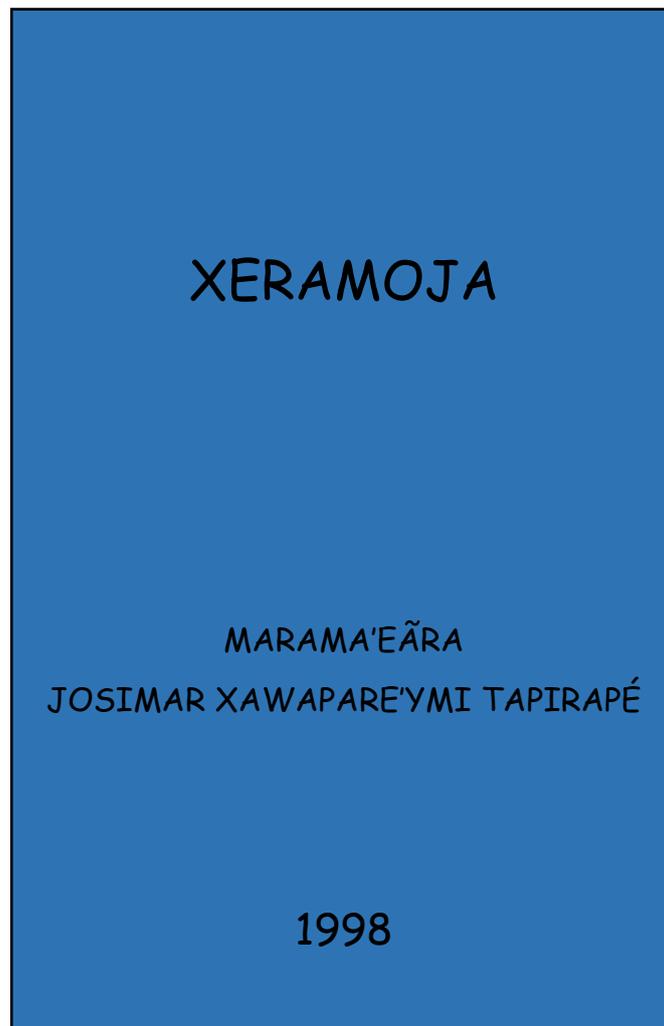
A língua é considerada, atualmente, pelo povo Apyãwa, um aspecto fundamental de sua identificação enquanto povo indígena. Ela é falada em todas as comunidades. Todas as crianças aprendem primeiramente a língua Apyãwa. A conscientização para a manutenção da língua tem se fortalecido, e a língua Apyãwa, desde o início do processo de escolarização, passou a ser objeto de estudo nas escolas. Os alunos aprendem a ler e escrever primeiro a nossa língua e, a partir da terceira fase do 2º ciclo, começam a estudar a segunda língua, que é a língua portuguesa. A língua é muito importante na vida de cada povo, porque a língua serve para nos comunicarmos. Utilizamos também para contar histórias, cantar, expressar nossos pensamentos e nossos sentimentos. A nossa língua é o nosso principal meio de instrução de crianças e adultos. A aprendizagem dos rituais, dos cantos, dos mitos acontece através de nossa língua. Não é possível realizarmos nossos rituais e ensinarmos as nossas crianças sem a nossa língua (...). Hoje, na escola, nós escrevemos a nossa língua e escrevemos a segunda língua, o português. E na escola valorizamos o conhecimento dos nossos idosos, porque, atualmente, os professores são todos Apyãwa. Por isso ensinam os alunos a sua tradição. (Projeto Político Pedagógico da EIE Tapi'itãwa, 2009, p. 54)

Assim, era necessário que os alunos percebessem como as palavras portuguesas estão entrando no idioma e fazer com que eles conhecessem como era possível dizer essas mesmas palavras na língua materna. Outro objetivo é que as crianças começassem a usar estas palavras novas da nossa língua, diminuindo o uso das palavras em Português: “o meu sonho era encontrar uma maneira de promover o uso de nossas palavras próprias da língua Tapirapé e também criar palavras novas para objetos dos não-índios que agora estão sendo usados pelos Tapirapé” (TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare’yimi, 2009, p. 2).

O professor Jeremy’i descreve a metodologia utilizada para alcançar seus objetivos:

Até que, quando já estava bastante preocupado, eu me animei a enfrentar este trabalho. Cada dia que era realizada alguma cerimônia em nossa tradição, como caçada ou pescaria para o *Tataopãwa*, que é uma refeição comunitária para alegrar os espíritos, eu participava junto e, nessa viagem, acompanhava mais as pessoas idosas para prestar atenção e pesquisar a fala deles. Algum dia eu gravava a fala de cada pessoa ou então anotava na minha agenda e a partir dessas anotações é que planejava o trabalho a ser feito na sala de aula. Inicialmente, conversei com os alunos pedindo para que eles ouvissem e observassem como as pessoas estavam falando. E depois, a frase que eu selecionava misturada com palavras do português, preparava sobre ela um exercício de completar as frases com meus alunos. Na lousa passava as frases todas misturadas em Tapirapé com a língua portuguesa, do jeito que havia coletado na fala de uma pessoa. Então, eu pedia para cada aluno formar novas frases tirando as palavras portuguesas e escrevendo as palavras em Tapirapé, sem misturar palavras portuguesas na frase. Muitos alunos não conseguiam formar a frase inteira só na língua Tapirapé, encontravam muita dificuldade para completar a frase. Quando eles não conseguiam completar a frase, nós fomos para um exercício prático de dramatização. Eu chamava os alunos para ficarem todos em pé, em fila, sendo que cada aluno representava uma palavra da frase. Quando eu lia a frase, a fila começava a andar, mas se eu pronunciasse a palavra portuguesa, o representante dessa palavra saía da fila e outra pessoa, que representava a palavra Tapirapé, entrava na fila no lugar da pessoa que saiu. Então, a fila continuava andando acompanhando a leitura, até terminarmos. (TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare’yimi, 2009, p. 03).

Desse modo, os alunos perceberam como a língua portuguesa está ocupando o espaço das palavras tapirapé. Quando os alunos perceberam isso, todos eles gostaram deste trabalho, começaram a se animar e foram pesquisar os mais velhos para descobrir mais palavras antigas que não conhecíamos e começaram a usar as palavras que aprenderam. Como apoio pedagógico para esse trabalho, o Prof. Jeremy’i produziu um livro intitulado *Xeramoja ‘meu avô’*, inserindo na narrativa palavras que estavam em desuso.



Capa do livro *Xeramoja* produzido pelo Professor Ieremy'i (Josimar Xawapare'yimo Tapirapé), 1998.

4. A criação de novas palavras

Além da recuperação de palavras em desuso, o professor Ieremy'i percebeu a necessidade de criar novas palavras diante do grande número de vocábulos da língua portuguesa que estavam sendo utilizados pelas pessoas:

Através deste trabalho, descobri uma forma de criar palavras na língua Tapi-rapé. Já criei bastantes palavras para os objetos que nós não temos na língua Tapi-rapé. As palavras que eu consegui criar foram feitas pelo significado ou pela forma do objeto. Por exemplo, bicicleta nós não temos na língua Tapi-rapé, então eu criei a palavra *yākopy* para significar esse objeto. *Yākopy* foi formada assim: *Yā-* : eu peguei da palavra *yāra* que significa meio de transporte e *-kopy* : porque a bicicleta tem dois pneus. Então, juntei essas duas partes de palavras para formar uma palavra só *yākopy*. E ficou ótima essa palavra, porque hoje todo mundo usa essa palavra. Isso até serviu para a comunidade não falar mais bicicleta na língua portuguesa. (TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'yimi, 2009, p. 03).

Muitas outras palavras foram criadas, como *tatayãroo* para barco a motor: *tatã-* significa fogo, porque o barco usa óleo diesel e esse óleo queima como fogo; *-yãra-* porque o barco é como uma canoa grande, é um meio de transporte; *-towoo* – significa grande. A junção de morfemas é um recurso presente na morfologia da língua tapirapé e esse processo mostrou-se muito produtivo na formação de novas palavras.

À medida que as palavras iam sendo criadas, foi elaborado um grande cartaz com as ilustrações dos alunos, listando os objetos novos que agora estão sendo usados e com os nomes que foram criados na língua materna:

Boné : Xapewakwy

Óculos : Itaxoeã

Bola : Kojapa'axiga

Moto : Tatayãkopy

Avião : Xixinyãra

Bicicleta: Yãkopy

Trator: Tatoyãra

Caminhonete : Takwerereyãra

Lápis : Paraxi

Ônibus: Amoewa'iyãra.

Esse cartaz ficou exposto na sala de aula para que todas as crianças pudessem ver sempre as novas palavras e saberem usar essas palavras. Os alunos também produziram textos usando essas novas palavras. À medida que outras palavras iam sendo criadas, também iam sendo expostas em cartazes.

Uma outra atividade desenvolvida foi a produção de um dicionário temático monolíngue, no qual os verbetes foram ilustrados e explicados pelos estudantes em língua tapirapé como podemos ver no exemplo a seguir no qual o aluno escreve sobre o nambuzinho dentro do tema *Wyrawyrã* 'aves':

INAMO'I KOME'OÃWA

Okapytyga Tapirapé

Inamo'i emĩ wyrã mō xepe, a'e mĩ akwãp xõ ropi, ka'ã ropi mĩ ikwãwi inamo'i ranõ. Inamo'i era mō mĩ a'owe Apyãwa irekawo ranõ.

Axetanã mĩ i'o koxamoko, marykwera, wajwĩwera, awa'yao axeakygetãxi ma'e mĩ a'o ranõ, Konomiwera, kotatajweragy xowe mĩ na'oj inamo'i. Ixokaãra xowe xyre'i'i, awa'yao konomiwera ranõ, epe gỹ eramõ mĩ axokã inamo'i.

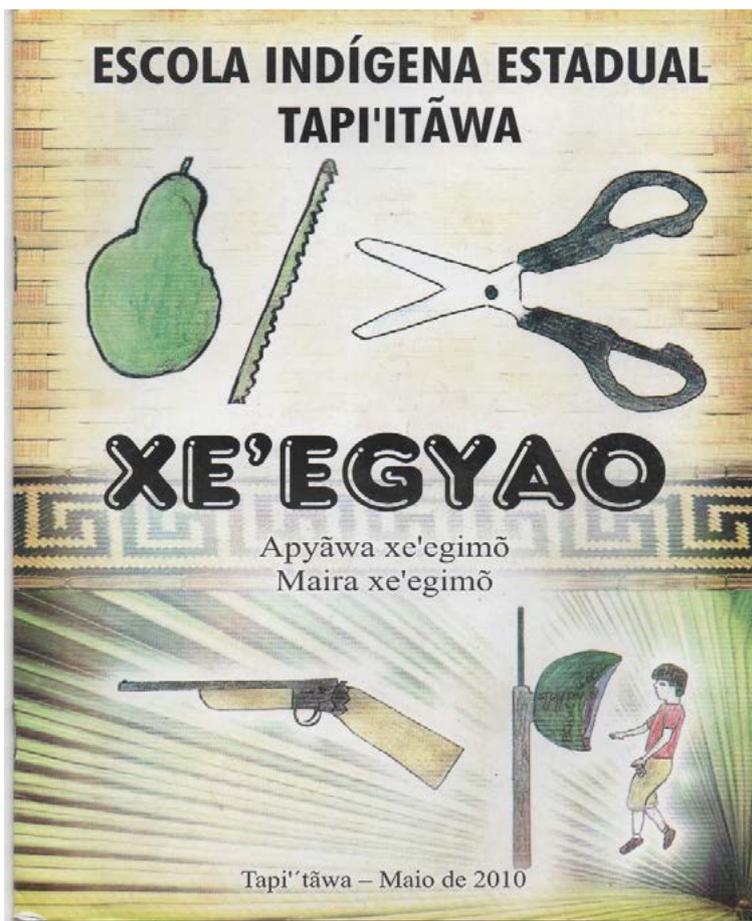
Iãpaãra tanã koxywera, a'e mĩ ããpa mimõja ramõ, miyra ramõ, matãwa ramõ, mimaka'ẽ ramõ mĩ iapa ranõ. Imajpokomatãta ro'õ raka'ẽ mĩ imaka'ẽ, a'erẽ ro'õ raka'ẽ mĩ imaka'ẽre imaxyryry (AWAKOPY) xe irekawo. Koxamoko ro'õ raka'e mĩ awyrã'omatãta a'o inamo'i py, a'erẽ ro'õ raka'ẽ mĩ i'o amotee wyrãwyrã akwãpa. Inamo'i rewiapeãwa ro'õ raka'ẽ mĩ apa'a koxỹ imemyraye ymamã'e, a'erẽ ro'õ raka'ẽ m iapa kotataj rewiãpere, iewiãpepiypa ipype, a'e ro'õ mĩ ixãwie kotatãj nimemyrãyj. Inamo'i mĩ a'o itaã'yra, ywakojuera mĩ a'o ranõ



Fonte: Acervo pessoal do Professor Jeremy (Josimar Xawapare'yimi Tapirapé).

O trabalho de criação de novas palavras foi sendo assumido também por outros docentes e, em 2010, a Escola decidiu realizar um seminário para discutir políticas linguísticas para o povo Apyãwa. As pessoas das várias aldeias foram convidadas para discutir junto com os professores as novas palavras criadas, bem como para colaborar na criação de outras como *marakarenopãwa* 'fone de ouvido' ou relembrar palavras que já existiam e que entraram em desuso como *ywakapiãwa* 'foguetes'. Cerca de trezentos vocábulos foram discutidos durante o Seminário. Este Seminário produziu em todos os participantes um sentimento de alegria e de tomada de decisão coletiva sobre o futuro da língua como afirma MAIA (2006, p. 67): “naquele momento marcante, ao vermos nascer novas palavras, confirma que a tarefa de revitalização linguística não é apenas a de buscar preservar o que já existe,

mas também a de criar o novo”. O resultado deste trabalho encontra-se publicado no livro *Xe'egyao* ‘novas palavras’. A capa reproduz objetos introduzidos na vida dos Apyãwa, como tesoura, cegueta, espingarda, orelhão e abacate, todos renomeados na língua:



Fonte: Acervo da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa

5. Trabalho com músicas

Uma outra atividade desenvolvida pelo professor Jeremy'i refere-se à criação de músicas na língua tapirapé a partir de melodias de cantores sertanejos ou pertencentes ao repertório de músicas brasileiras que estão presentes no cotidiano das aldeias.

Por isso trabalhei a música na escola com meus alunos. Eu pego o ritmo daquela música que as crianças gostam mais de ouvir na aldeia e crio a letra da música na língua para que elas entendam a letra da música. Então eu crio a letra da música falando sobre brincadeiras, estudo ou acontecimento da aldeia. Depois passo a letra da música na lousa para os alunos copiar no caderno. Faço leitura com os alunos, discute a frase com os alunos. Faço ensaio com alunos e depois canto sozinho para eles ouvirem. Depois canto junto com eles e deixo só eles cantarem até pegar o ritmo. E também deixo trabalhar em grupo, para cada grupo tentar criar uma música e depois apresentar para as colegas. E assim ensino os alunos sobre a música. Depois, passamos em cada

sala para apresentar a música e cantar junto com os alunos. E assim todos os alunos aprenderam a música que criamos na língua. E daí essa música também foi apresentada para a comunidade com os cursistas de ensino médio. (TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'yimi, 2012, p. 19).

Como exemplo de uma das músicas criadas apresentamos a letra que fala do Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos, Ensino Médio do povo Apyãwa⁵:

ARANO'YAO 'Ã 'OT
Axewyra xanewe ranõ
Aoxekato'i xanewe
Arano'yao aoxekato
Aranowa'yao
Akwaãp wakãri xanewe
Imanawo xanereka ymyni
Nene'ym raka'e xika'i
Ka'ã pe raka'ẽ xika'i
Aranowa'yao pe 'ã xikwaãp
Imanawo xereka'ymyni

6. Livro de Histórias em Quadrinhos *Marageta'ieyjete*

Destacamos, ainda, como uma iniciativa de vitalização linguística, a elaboração do livro *Marageta'ie'yjete* - Historinhas Divertidas - produzido pelos professores Apyãwa (Tapirapé) durante oficinas de formação continuada promovidas pela Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. O livro foi publicado inteiramente em língua Apyãwa, com exceção de uma apresentação em Português. Contendo excertos de mitos, relatos de fatos reais ou histórias criadas pelos autores, *Marageta'ieyjete* introduz com propriedade a linguagem bem-humorada das histórias em quadrinho entre as publicações em *Apyãwa xe'ega*. O gênero História em Quadrinhos vem ao encontro de uma rica tradição cultural expressa em uma linguagem muito especial, condensada nas narrativas orais transmitidas de geração em geração. Assim, os ideofones, as falas especializadas, formas de tratamento e os valores da cosmovisão dos Apyãwa aparecem nas histórias, retomando o estilo das narrativas ancestrais.

A revisão do livro *Marageta'ieyjete* foi um exercício de autonomia do Povo Apyãwa sobre sua língua. Foram várias horas de discussão de cada historinha, no sentido de acomodar os textos às regras de ortografia que o povo quer tornar comum para todos, tornando a escrita da língua mais homogênea. Como a escrita alfabética permite várias possibilidades, no sentido de que a ortografia é uma aproximação da língua falada e nem sempre consegue registrar todos os recursos de que a fala dispõe, pode ocorrer variações na forma de os Apyãwa escreverem sua própria língua. No entanto, os registros individuais têm circulação relativamente restrita. A publicação de *Marageta'ieyjete*, planejada para uma circulação bem mais ampla, permite que a escrita revisada conjuntamente pelos

⁵ Em uma tradução livre, a letra diz: Aranowa'yao chegou aqui, Voltou para nós novamente, É muito bom para nós, Aranowa'yao é bom, Aranowa'yao, Nos faz saber, Levando adiante o nosso modo de vida, Como era o nosso modo de vida antigamente, Como nós ficávamos na mata, Atarvés do Aranowa'yao, estamos sabendo o nosso modo de vida antigo.

autores, de acordo com regras assumidas anteriormente, ajude a sedimentar uma ortografia mais unificada da Apyãwa Xe'ega, a língua Apyãwa, agregando maior solidez a esta língua fragilizada diante do Português.

Mais que um trabalho de cunho didático, o livro apresenta a refinada arte do desenho dominada pelos professores Apyãwa, transformada em historinhas que despertam o prazer da leitura em crianças e adultos, valorizando e fazendo circular a *Xanexe'ega*, a língua escrita do povo Apyãwa para além do espaço escolar.

História do Caçador: *Ataaramõ Haãwa*



Fonte: Livro *Marageta 'ieyjete*, 2016.

Considerações Finais

As línguas indígenas em nosso país, inegavelmente, encontram-se em situação de risco. Ao longo do processo colonizatório, muitos povos foram dizimados juntamente com suas línguas e culturas. Atualmente, a maioria das línguas ainda existentes apresentam um número reduzido de falantes, menos que mil, o que, na opinião de especialistas, constitui um risco potencial de desaparecimento.

Por sua vez, a língua portuguesa encontra-se numa posição de prestígio frente às línguas indígenas, o que configura uma situação diglósica na qual a assimetria pesa de maneira extremamente desfavorável para os povos indígenas. A globalização tem acelerado o processo de extinção de línguas e culturas em escala mundial. Em decorrência deste processo, as aldeias hoje estão inundadas de novos bens produzidos com tecnologias alienígenas que facilitam a expansão do Português. Televisões, celulares,

MP3, aparelhos de som, *tablets* veiculam a língua e os valores da sociedade dominante de modo exaustivo, colocando as crianças em contato com o Português cada vez mais cedo.

Embora preconizadas pela legislação instaurada após a Constituição Federal de 1988, as medidas de proteção e valorização das línguas e culturas indígenas são ainda incipientes diante da enorme e complexa tarefa de revitalização e manutenção que se fazem necessárias frente ao risco de desaparecimento.

Constatamos que as iniciativas de revitalização linguística têm surgido a partir dos anseios dos povos indígenas que sentem suas línguas como índices importantes de suas identidades étnicas e, para efetivar projetos neste sentido, buscam instituições parceiras como as Universidades. O caso dos Apyãwa, relatado neste trabalho, mostra que é possível desenvolver experiências exitosas, articulando a Escola e a comunidade, como conclui o professor Jeremy'i: “eu vou continuar trabalhando assim, porque eu vi que as crianças gostaram e que a comunidade também entendeu a importância de nós não perdermos a nossa língua”.

Referências Bibliográficas

BALDUS, H. *Tapirapé – Tribo tupi no Brasil Central*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970.

BERARDI-WILTSHIRE, A.; PETRUCCI, P.; MAIA, M. Revitalização de língua indígenas na Nova Zelândia: o caso exemplar das escolas do povo Maori. In: JANUÁRIO, E. e SILVA, F. (Orgs). *Cadernos de Educação Escolar Indígena*. Cuiabá, Editora Merireu, vol. 12, n. 1, 2015.

BRAGGIO, S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. In: *Revista do Museu Antropológico – UFG*. v. 5/6, n. 1, jan/dez. 2001/2002.

ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL TAPI'ITÃWA. *Projeto Político Pedagógico*. Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2009.

FERREIRA, L. L. et al. (Org.) *Marageta'ieyjete*. Tangará da Serra: Ideias, 2016.

FRANCHETTO, B. *O monolingüismo é uma doença*. Texto acessado de www.wcaanet.org/events/webinar como parte do seminário virtual EASA/ABA/AAA/CASCA de 2013. Acessado em 20.02.2017

GOUVÊA DE PAULA, L. *Mudanças de Código em eventos de fala na língua Tapirapé durante interações entre crianças*. Dissertação de Mestrado apresentada à UFG – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2001.

GROSJEAN, F. Individual bilingualism. In: *The encyclopedia of languages and linguistics*. Oxford:

Pergamon Press, 1994. p. 1656-1660.

MAIA, M. A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação intercultural bilíngue. In: *Tellus*, ano 6, n. 11, p. 61-67, out. 2006. Campo Grande, MS.

NETTLE, D. e ROMAINE, S. *Vanishing voices*. The extinction of the world's languages. Oxford, Oxford University Press, 2000.

PAULA, Eunice Dias de. *A Língua dos Apyãwa – Tapirapé na perspectiva da Etnossintaxe*. Campinas, Editora Curt Nimuendaju, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas Brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. In: *Revista D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 1, 1993.

_____ e CABRAL, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.). *Línguas indígenas brasileiras. Fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Tomo I. Belém: Editora da Universidade do Pará, 2002.

SAPIR, Edward. Language. In: BLOUNT, B. G. *Language, culture and society: a book of readings*. Cambridge, Massachusetts: Winthrop Publishers Inc., 1974.

TAPIRAPÉ, JOSIMAR XAWAPARE'YMI. *Recuperando as palavras da nossa língua tapirapé*. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural da UNEMAT, Campus Barra do Bugres, Barra do Bugres, MT, 2009.

TAPIRAPÉ, JOSIMAR XAWAPARE'YMI. *Educação Escolar: palavras novas para o fortalecimento da língua Apyãwa*. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena, UNEMAT, Campus Barra do Bugres, Barra do Bugres, MT, 2012.

TAPIRAPÉ, Mareaparygi Lisete. *O uso da língua tapirapé*. Monografia de conclusão do curso do Projeto Aranowa'yao, Ensino Médio, apresentada à Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, Aldeia Tapi'itãwa, Confresa, MT, 2009.

TORAL, André Amaral de. *O asfaltamento da BR 158 e os Tapirapé da TI Urubu Branco*. Estudo de Impacto Ambiental-EIA. São Paulo, 2006.